



Foto: Maria das Graças da Silva

# Nossa resposta ao estrangeiro

**IMIGRAÇÕES** O aumento do número de imigrantes que chegam ao Brasil, sobretudo venezuelanos, faz despertar tanto relações de xenofobia como fortes experiências de acolhida

**PACARAIMA** é um município de 19 mil habitantes, localizado em Roraima, bem na fronteira com a Venezuela. Sua história recente retrata como nós, brasileiros, lidamos bem ou mal com um fenômeno que faz parte de nossa formação: a imigração. A xenofobia, “aversão ao estrangeiro”, e o acolhimento a quem é diferente estão presentes nessa cidade de modo mais intenso, como um modelo de outras boas e más experiências desse tipo que surgem pelo país e que nos fazem perguntar, como o faz o antropólogo Antônio Braga: “que tipo de sociedade queremos ser: aberta ou fechada?”

Pacaraima entrou no noticiário nacional a partir de 2018, quando aumentou muito o número de venezuelanos que entravam na cidade em busca de melhores condições de vida, fugindo da grave crise social, econômica e política que atinge o país vizinho até hoje. Esses venezuelanos ajudaram a aumentar, nas contas da Organização das Nações Unidas (ONU), o número de pessoas forçadas a se deslocar de seus lares, o que bateu o recorde histórico no ano passado (veja mais no quadro da p. 23).

Já em agosto de 2018, houve a primeira reação violenta de Pacaraima contra os estrangeiros.

Os acampamentos em que os venezuelanos estavam instalados provisoriamente foram queimados. Nesse mesmo mês, instalaram-se na cidade três religiosas da Congregação das Irmãs de São José de Chambéry, com a missão justamente de acolher os imigrantes. “Foi muito chocante entrar nessa realidade e logo ver essa violência”, relata a irmã Ana Maria da Silva.

## RECEBER OU ACOLHER?

A fronteira foi fechada por algum tempo. Mesmo assim, os venezuelanos continuavam chegando, sem contar com praticamente nenhum apoio, porque a maioria não tinha documentos e estava em condição ilegal no Brasil. Então, as religiosas adaptaram um imóvel para acolher esses imigrantes e, assim, em 2020, fundaram a Casa de Acolhida São José, com irmã Ana Maria à frente do trabalho. “A maioria das pessoas que chegavam – e até hoje é assim – era de mulheres e crianças”, explica ela. O espaço oferece alojamento e alimentação para cem pessoas, mas já chegou a hospedar duzentas. Voluntárias leigas venezuelanas aju-

dam os imigrantes a regularizar a documentação desses refugiados.

A Casa São José não foi bem vista por todos. Menos de um ano depois de ser instalada, ela foi invadida pelas polícias Militar, Civil e Federal. Os agentes entraram vestidos de preto, encapuzados e empunhando armas, com a intenção de deportar os venezuelanos ali atendidos. A irmã Ana Maria lembra que os policiais não tinham nenhum mandado para essa operação. “Pela forma como fomos abordadas, eu me senti a pior traficante do mundo”.



Arquivo pessoal

Ir. Ana Maria:  
atendendo imigrantes  
em situação precária

A ação policial na Casa São José foi denunciada pelo Ministério Público porque, entre outras razões, o Brasil tem uma legislação considerada avançada, que protege quem é refugiado – que é, na definição da própria lei, aquele que, “devido a fundados temores de perseguição” ou à “grave e generalizada violação de direitos humanos, é obrigado a deixar seu país de nacionalidade para buscar refúgio em outro país”. Só que, como diz o professor Antônio Braga, coordenador da Rede de Atenção ao Migrante Internacional (Ramin), rede temática de extensão da Universidade Estadual Paulista (Unesp), “uma questão é a lei; outra é como você faz a aplicação dessas leis e, no limite, como de fato nós trabalhamos com a ideia de acolhimento”. Ele cita o caso do refugiado congolês Moïse Kabagambe, morto por espancamento em um quiosque na praia do Rio de Janeiro no ano passado. Ao relatar o fato, o repórter Rafael Barifouse, da BBC Brasil, entrevistou uma congolesa que descreveu como sofreu xenofobia aqui e concluiu dizendo que “o Brasil recebe, mas não acolhe”.

No primeiro trimestre deste ano, a chegada dos venezuelanos a Roraima aumentou ainda mais. Foram 39 mil – o que dá uma média de mais de quatrocentas pessoas por dia – contra 29 mil no último trimestre de 2022. Desde 2018, o governo

brasileiro executa a Operação Acolhida, que atua na interiorização dos venezuelanos, ou seja, a instalação desses imigrantes em várias cidades do país. Com a colaboração do Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR), o governo coordena cinco abrigos em Pacaraima com capacidade para mais de 8 mil pessoas. Mas a irmã Ana Maria lamenta que o atendimento ainda é “precaríssimo”: “Além da xenofobia, faltam médicos e medicamentos básicos, como o paracetamol”. Como Pacaraima fica a mais de novecentos metros acima do nível do mar, frio e chuva são comuns na cidade, e as crianças que ficam na rua acabam pegando doenças como a pneumonia.

## VENEZUELANOS SONHAM EM VOLTAR

Em março deste ano, a irmã Ana Maria e o professor Antônio Braga se encontraram em uma reunião da Rede Clamor, que agrupa as instituições ligadas à Igreja Católica que trabalham com imigrantes e refugiados. Desse contato nasceu a ideia de uma campanha para atender às necessidades mais imediatas da Casa São José. Teve início, então, uma mobilização, levada adiante, entre outros colaboradores, pelo Movimento dos Foculares, que arrecadou R\$ 24 mil, dinheiro utilizado para comprar kits de higiene, fraldas e alimentos para o público atendido pela Casa – que não é composto só dos imigrantes que lá pernoitam.

Em Pacaraima, existem quatorze invasões, termo usado para designar acampamentos precários montados pelos venezuelanos, que preferem ficar por lá porque sonham em retornar ao seu país de origem assim que for possível, explica a irmã Ana Maria. Esses imigrantes passam o dia nas ruas de Pacaraima, e muitos deles são alimentados pela Casa São José. “Nós damos comida para 350 pessoas ou mais todo dia”, afirma a religiosa.



Braga: queremos uma  
sociedade aberta ou  
fechada?

Arquivo pessoal

Quem também participou da reunião da Rede Clamor e da campanha pela Casa São José foi a irmã Rosita Milesi, religiosa scalabriniana, cuja congregação tem por missão trabalhar com imigrantes e refugiados. Ela fundou e preside o Instituto Migração e Direitos Humanos (IMDH), situado em Brasília, que atua nesse campo há 24 anos, e conhece bem o drama de Pacaraima. Tanto que, em 2018, o IMDH abriu um escritório em Boa



Ir. Rosita: "precisamos de uma mudança cultural"

Vista e, no ano passado, deu assistência para mais imigrantes em Roraima do que no Distrito Federal.

Advogada, irmã Rosita faz eco a Braga: o Brasil tem uma boa legislação voltada para imigrantes e refugiados, mas a lei só vai ser eficaz se for traduzida em medidas concretas de acolhida e integração das pessoas. "Infelizmente, acho que a sociedade brasileira esqueceu que sua diversidade e potencial são características de uma história marcada e construída com forte presença imigratória – o que é uma demonstração do quanto a imigração traz um contributo positivo", afirma a religiosa. "Precisamos de uma mudança cultural, de uma postura coerente e madura frente às imigrações".

### UMA EXPERIÊNCIA TRANSCENDENTE

A cidade que, até o momento, recebeu mais interiorizados pela Operação Acolhida é Curitiba. E é lá que se passa uma forte experiência de acolhida: o projeto "Fraternidade na Unidade". Uma das líderes da iniciativa, Marluce Bely, conta que tudo começou em 2018. Para atender à proposta do papa Francisco para o Dia Mundial do Pobre, ela e alguns amigos da mesma paróquia convidaram um grupo de imigrantes venezuelanos que estavam em um abrigo para passar o dia juntos. "Depois que comemos juntos, minha família e seis venezuelanos na mesma mesa, senti que não podíamos ficar só naquele almoço". Bely levou essa



Curitiba: Marluce (de óculos) com uma família de imigrantes.

experiência de acolhida para outras voluntárias do Movimento dos Focolares.

Logo, toda a comunidade começou a apoiar os venezuelanos, recolhendo alimentos, roupas, móveis e eletrodomésticos para os necessitados. Em pouco tempo ficou faltando espaço para armazenar as doações. O grupo, então, alugou uma casa, que virou a sede do projeto. Lá, além de os doativos serem centralizados, também são oferecidas

## Mundo bate recorde de refugiados

Em 2022, o Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR) contabilizava que 108,4 milhões de pessoas em todo o mundo eram deslocadas contra a vontade, como resultado de perseguições, conflitos, violência, violações dos direitos humanos ou eventos que perturbaram gravemente a ordem pública. Esse número, que equivale a mais da metade da população brasileira, é o mais alto já registrado pelas estatísticas da agência em termos de deslocamentos forçados. A maioria desses imigrantes (58%) é de deslocados dentro de seu próprio país – caso, por exemplo, de boa parte dos ucranianos que tiveram de deixar suas casas por causa da guerra.

O número de refugiados também bateu o recorde mundial. No final de 2022, era de 34,6 milhões, contra 25,7 milhões em 2021. Dois terços dos refugiados e de outras pessoas que precisam de proteção internacional vêm de somente quatro países: Síria (6,5 milhões), Ucrânia (5,7 milhões), Afeganistão (5,7 milhões) e Venezuela (5,5 milhões).

orientações aos imigrantes, desde questões sobre a documentação até receitas da cozinha brasileira. E, embora a coordenação do trabalho esteja com a comunidade dos Focolares, participam da iniciativa pessoas de outros grupos, inclusive não religiosos.

Bely calcula que já foram atendidas mais de mil famílias pelo projeto. “Quando eles falam com a gente, é como se estivessem fazendo uma oração, na fé de que vão encontrar uma resposta”, explica. Mas o impacto do trabalho parece ser maior para ela mesma do que para os beneficiados. “Sempre fui muito atuante na paróquia, e assim eu achava que conhecia Deus”, afirma. “Mas, com as respostas para as necessidades desses imigrantes, Deus me possibilitou uma experiência tão transcendente que eu não conseguiria jamais alcançar ficando só dentro da paróquia ou do Movimento”.■

## Há muitos venezuelanos no Brasil?

Com a Operação Acolhida, até maio passado, o Brasil já havia interiorizado 105 mil venezuelanos que chegaram ao país pela fronteira em Roraima. Pode parecer bastante, mas tem muito mais: a Plataforma R4V contabiliza que há mais de 459 mil imigrantes e refugiados venezuelanos no Brasil. Pode parecer muito, mas tem muito mais na Colômbia. Nesse país, que tem um quarto da população brasileira, esse número passa de 1,8 milhão – e, nesse caso, a contagem foi feita até março do ano passado. No Peru, há quase 1,3 milhão de venezuelanos. No Equador, mais de 500 mil. E no Chile, 450 mil.

## Um novo brasileiro

Depois de 23 anos trabalhando em uma escola particular, primeiro como professor, no final como diretor, o venezuelano Enzo Farias viu a crise de seu país colocá-lo em um impasse: seu salário não passava do equivalente a R\$ 30,00. Em 2018, ele se mudou para Belo Horizonte, onde foi acolhido por um amigo brasileiro, que o ajudou a tentar uma vida nova como motorista de aplicativo, alugando o carro em que ele trabalhava. Oito meses depois, foi a vez de a mulher, Cora, e os dois filhos virem para o Brasil. Agora, com o suporte da comunidade dos Focolares, a família começa a criar raízes em sua nova terra. Enzo está dando aulas *on-line*, Cora conseguiu um emprego em uma empresa de auditoria e os filhos já estão na universidade.

Como as circunstâncias de sua vinda para o Brasil foram bem diferentes de seus conterrâneos que chegaram por Roraima, Enzo tem visões e expectativas diferentes. Primeiro, ele não pensa em voltar – ao contrário, quer trazer para cá os parentes que ficaram por lá. “Conhecendo a realidade da Venezuela, mesmo se o governo cair agora, vai levar uns trinta anos para o país se recuperar”, afirma. Depois, a recepção que ele teve dos brasileiros foi melhor do que esperava. “Encontrei gente muito simpática, pronta para ajudar, e isso



Arquivo pessoal

Enzo (à esq.) e sua família: sem pensar em voltar para a Venezuela.

faz muita diferença, porque, para um imigrante, a solidão é muito forte”. Mas ele também teve alguns estranhamentos. “Às vezes, eu pegava um passageiro que me perguntava por que eu tinha escolhido o Brasil, um país que está muito ruim...” Enzo viu sua nova terra de outra maneira. “A política migratória do Brasil é melhor que a de outros países”, justifica. “Em vinte dias, eu já tinha a documentação necessária, até para dirigir. Meus primos que estão na Colômbia, no Chile ou nos Estados Unidos diziam que em oito meses ainda não tinham conseguido regularizar tudo”.